

Residência da Embaixada de Portugal em Brasília

R i c a r d o G o r d o n

Integração urbana.
Brasília utópica / Lote de Portugal

Brasília, cidade utópica concebida no papel, paradigma do Movimento moderno, surgiu na tábua rasa do planalto central do território brasileiro, após uma génese longa de séculos que encontrou no plano de Lúcio Costa o seu corpo, traçando no solo o sinal da cruz.

Este ancestral «acto de fundação», de marcar a presença humana no lugar, é remetido para o surgimento das primeiras cidades coloniais portuguesas — a efeméride da sua inauguração coincide com o «achamento» das terras de Vera Cruz pela armada de Cabral.

Duplamente simbólica (da identificação da consciência da nação brasileira e dos princípios urbanísticos expressos na carta de Atenas), Brasília, classificada pela UNESCO como Património da Humanidade, ruína à nascença, é hoje uma jovem cidade de 40 anos.

O Lote de Portugal, o maior de entre os Lotes destinados a embaixadas (150 x 250 m), situa-se no Sector de Embaixadas Sul e desenvolve-se na direcção E-W, paralelamente ao eixo monumental, ladeando a esplanada dos ministérios.

A implantação do complexo da Residência da Embaixada é feita no topo nascente, no extremo oposto ao ocupado pelo edifício da Chancelaria (arq. Chorão Ramalho), fornecendo um pano de fundo à Praça de Portugal.

Se aparentemente o edifício assume a escala e os contornos correntes nas construções de Brasília (150 x 35 x 20 m — cércea máxima), pretende alcançar dimensões de índole mais ambiental e fenomenológica.

A intervenção no terreno passa pela concepção de uma plataforma térrea que se estende precisamente até meio do comprimento do lote, uma espécie de exercício «Land art», que consiste em «arar» o solo, fazendo a marcação de faixas E-W de 5 m de largura, numa interpretação-aproximação infinitesimal do suave declive

natural do terreno no sentido N-S, formando uma pauta (não imposta ao terreno, mas dele emergente) que servirá de referência à construção do projecto.

A sua sucessão ritmada reforçará o movimento linear N-S a toda a largura do Lote corporizado pelo edifício, evoluindo no sentido E-W numa gradação de ambientes distintos.

Não se pretende encontrar um ponto de intersecção estático e preciso, mas sim atomizá-lo, tornando-o abstracto, tridimensional e omnipresente.

Os trinta metros que afastam a fachada nascente do limite do lote com a Praça de Portugal, pavimentados com paralelepípedos de granito, libertam espaço físico para o espaço mental da fachada.

Ao ambiente a céu aberto e totalmente desobstruído desta faixa, dominada pela presença pétrea do pavimento e da fachada, ora banhadas de luz da alvorada ora em contraluz ao entardecer, sucede-se, ao atravessar a espessura (5m) do volume construído adossado à fachada principal, o espaço-túnel (cujos topos

N e S são abertos) abrigado e semi-obscurecido pelo invólucro exterior de painéis-gelósias de madeira.

As faixas de pavimento exterior deslizam por sob o volume do edifício, reforçando a fluida e permeável relação espacial proporcionada pelos amplos vãos entre os núcleos de apoio da fachada, recortando caldeiras em torno dos troncos de árvores e maciços vegetais que brotam do solo, buscando verticalmente a luz.

Detêm-se abruptamente assim que voltam a surgir no exterior, para dar lugar a um plano entrecortado de água em movimento, transbordando suavemente de tanque em tanque (na verdade um único tanque seccionado por lajes de pedra ao cutelo) por entre maciços de vegetação aquática, sobrevoado por capilares rampas e passarelas de betão imersas na luz reverberada pelos espelhos de água, unindo o interior da nave ao interior do Lote.

Apenas as duas faixas pavimentadas junto aos limites N e S se prolongam, unindo-se na praça de entrada da Chancelaria e permitindo assim um percurso pedonal e rodoviário junto ao perímetro do lote.

A transição para o jardim da Chancelaria é feita mediante a interposição de uma última faixa construída paralelamente ao edifício, entre os planos de água e o eixo do Lote.

De topografia mais fragmentada e intimista, o jardim formal inclui o campo de ténis, piscina e respectivas instalações de apoio e ainda o edifício das áreas técnicas (posto de transformação, grupo de emergência, garagem/oficina, chillers, centrais de bombagem e reservatórios de água).

Representar / habitar

A natureza dúplice do programa de um edifício-residência de uma missão diplomática encontra-se bem expressa nos alçados que o edifício exhibe ora à praça de Portugal, ora ao interior do lote.

Eixo Monumental de Brasília.





Brasília.

Opaco e impenetrável, o alçado nascente empresta à praça de Portugal uma dimensão abstracta, se bem que eminentemente humana, apostando numa ruptura de escala com o observador para criar um espaço de distensão mental.

Para tal contribui a extensão do plano a toda a largura do lote, como se fizesse parte de um fluir ininterrupto de memória (uma película de filme cortada arbitrariamente em dois pontos), o ritmo desigualmente espaçado (contrastante com as faixas da plataforma térrea) dos vãos entre os volumes em que se apoia e as extensas consolas (15 e 20 m) que se soltam no ar a cada um dos extremos.

Se a sua face pública contém inevitavelmente algo de monumental e supra individual, o alçado sobre o jardim, transparente e radiografável, apenas lança um véu de sombra (a radiação directa é por vezes mais intensa em Brasília do que a igual latitude ao nível do mar) sobre a

atmosfera intimista vivida no interior, concebido como um oásis de vegetação exuberante no clima semi-desértico de Brasília.

A presença sensorial da água (existente em abundância no subsolo de Brasília, prevê-se a sua captação artesiana para abastecimento dos tanques e dos sistemas de rega e nebulização) exercerá um papel primordial na experiência fenomenológica que se pretende venha a constituir a vivência interna do edifício.

Em uníssono com a cambiante luz zenital, filtrada pelo ripado de madeira da cobertura e do alçado poente, as instáveis partículas de luz reflectidas pelos planos de água da «cachoeira» cruzando o espaço sombreado em movimento ascensional através do emaranhado da odorífera vegetação, humedecida por voláteis gotas nebulizadas e dos envidraçados dos edifícios em suspensão, acentuam a unidade do espaço interior, apelando ao que há de primordial no sentido de habitar do

indivíduo — a casa como «lugar de andar nu de corpo e alma» e como abrigo, invenção do homem para se proteger do mundo exterior.

Metáfora da contiguidade entre homem e natureza, o edifício ensaia uma fusão entre natural e artificial, explorando a ambiguidade das fronteiras entre ambos, celebrando um processo longo de quinhentos anos que consiste na consciencialização pelo Homem da finitude do seu planeta.

Metamorfose. Anatomia / metabolismo

A procura de clarificação espacial e de simplicidade conceptual conduziu à ideia de uma equivalência volumétrica entre os corpos aéreos a incluir na caixa torácica do edifício da residência. Para tal, a área de recepções foi desdobrada em dois módulos (de recepções e de banquetes, idênticos entre si, de dimensões idênticas aos da habitação da família e dos convidados e como eles cruzando transversalmente o espaço interior) enformando um espaço claustro, atravessado por pequenas pontes metálicas e dominado pelo gabinete-observatório do embaixador.

A vantagem de aglutinar o máximo de espaços programáticos de serviços de apoio num único corpo adossado ao tardo da fachada sobre a praça de Portugal surgiu como óbvia, abrindo caminho à criação de uma ponte-aqueduto de serviços e redes de instalações (com dois pisos e apenas quatro pontos de apoio no solo contendo acessos verticais, espaços técnicos e de armazém) linear e compacta, permitindo uma simplificação funcional extrema das áreas de recepção e banquetes e a obtenção de um máximo de volume livre no interior do invólucro, conseguindo-se assim uma relação equilibrada entre volumes construídos, espaços vazios e maciços vegetais.

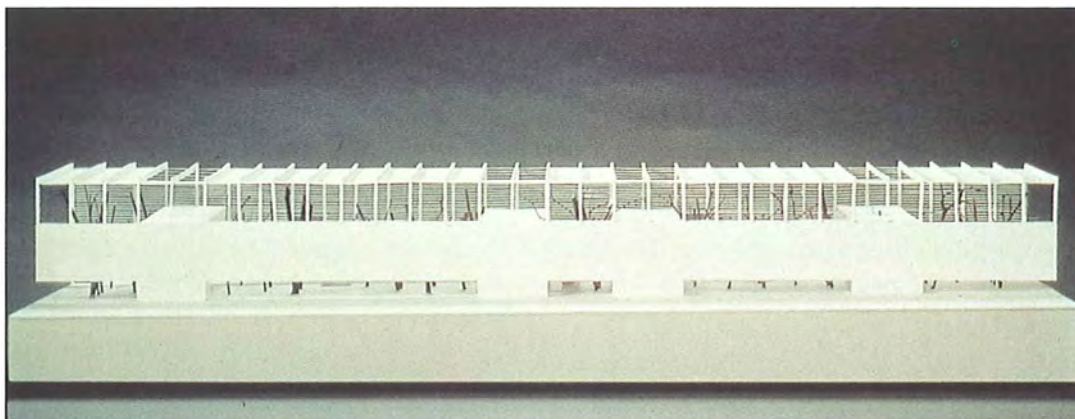
Simétrico em relação a este corpo, percorrendo todo o comprimento da fachada poente,

estende-se um varandim de 4m de largura (à cota das laje de pavimento dos módulos das recepções e do piso 1 dos volumes da habitação e de convidados) que se constitui como uma linha de festa dominando a um tempo o espaço contido do invólucro e o espaço horizontal do jardim. A sua eminente condição de dispositivo de conexão, unindo linearmente os diversos quatro volumes soltos no espaço da nave e articulando-os (através de escadas no interior e de rampas em betão sobre os tanques no exterior) com a plataforma térrea e a plataforma do jardim formal, acresce a sua vertente de interface lúdico de permanência / promenade, suspensa entre um interior frondoso de sombreamento quase tátil e um exterior luminoso e aquático.

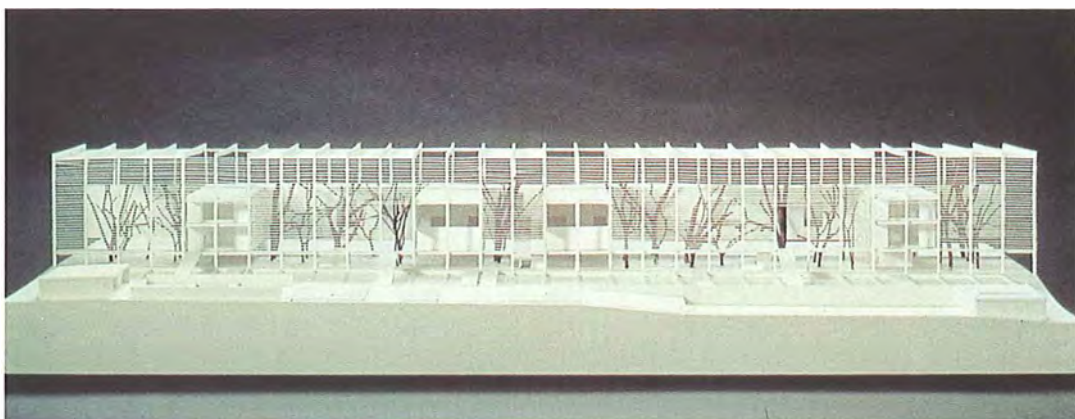
É no espaço-túnel contido pelo paralelismo antagónico e arritmado das duas fachadas (e suas respectivas apropriações lineares), e pela progressão (personificada pelo movimento ascensional da vegetação) entre a densidade matéria da plataforma térrea e a rarefacção da cobertura-filtro, que se alojam (a uma mesma cota e donde a diferentes alturas da plataforma), os evanescentes corpos albergando as restantes áreas programáticas, como se trazidos a posteriori para o âmago de um rectângulo de floresta por um fluxo N-S, catalizador de uma dissolução na natureza.

A fluidez da relação interior/exterior (no interior do invólucro) traduziu-se numa estética de desapareição ou despojamento quase minimalista, conduzindo ao emprego de grandes superfícies envidraçadas ou à criação de varandas corridas ao longo dos flancos dos pavilhões, expondo em vivisseccção as actividades e o ambiente interiores.

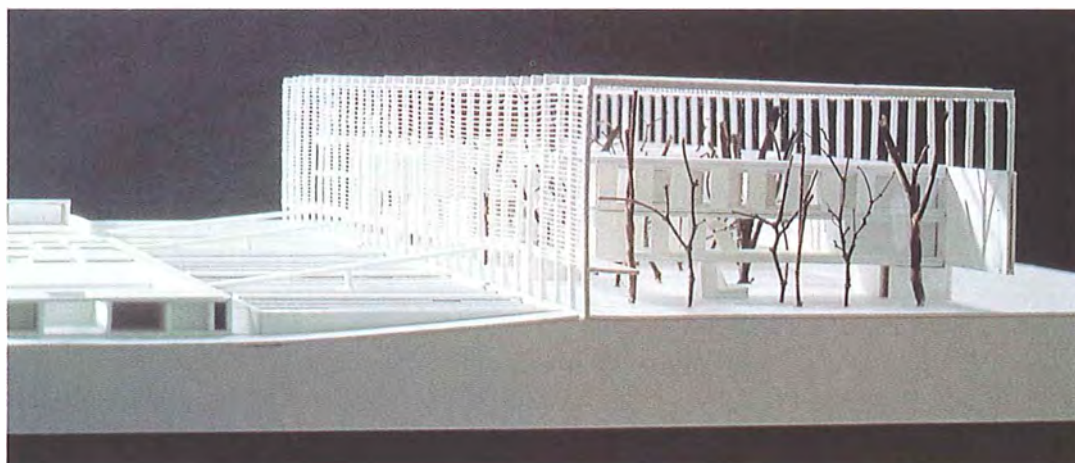
Apoiados no rígido betão estrutural dos núcleos de suporte do corpo dos serviços, os quatro corpos (recepções, banquetes, habitação da família e convidados) amarram na extremidade oposta nos montantes dos pórticos (espaçados de



Maqueta do edifício da residência do Embaixador de Portugal em Brasília. Perspectiva vista da Praça de Portugal. Fotografia de Eberhardt Schebl.



O edifício visto a partir do jardim, no interior do lote (maqueta). Fotografia de Eberhardt Schebl.



Vista geral da maqueta. Fotografia de Eberhardt Schebl.

5 m e compostos por perfis de aço core-ten laminado) que estruturam o invólucro exterior.

Os corpos das recepções, cujos pavimentos são suspensos mediante tirantes metálicos de vigas treliça espaçadas de 10 m, vencem todo o vão de 30 m sem tocar a plataforma térrea. Estas vigas, inteiramente forradas a chapa de aço core-ten e com altura correspondente ao segundo piso dos restantes corpos, encerram uma sucessão de lanternins/ caixotões revestidos interiormente com acabamentos diversos, trazendo até ao imponderável espaço interior, apenas sustido pelo soalho de madeira de ipê (umavez que sob as vigas existe um envidraçado de igual comprimento), auras luminosas de diferentes matizes e intensidades.

A face inferior dos caixotões integra faixas de iluminação artificial difundida por vidros despolidos, enquanto as vigas incluem no seu forro a tubagem das instalações de climatização.

O acesso à área de recepções é feito em primeiro lugar pela rampa (localizada no espaço arborizado de maior comprimento — 40 m — o que corresponde ao vão livre entre os dois apoios do corpo de serviços fronteiro à entrada pela Praça de Portugal), que se solta progressivamente da plataforma, elevando-se num movimento espiralado roçando as árvores até ao patim-bandeja que leva directamente ao átrio. A este átrio pode ainda aceder-se pelo ascensor incluído no núcleo de acessos em que apoia o corpo contendo o salão de recepções ou subindo a escada situada no claustro e que se desenvolve paralelamente às varandas/ponte.

Tal como estas unindo os dois salões (banquetes e recepções), as lajes fornecidas pelo corpo de serviços permitem a ligação coberta entre as zonas do átrio pertencentes a cada um dos corpos.

Os corpos da habitação da família e dos convidados são servidos por núcleos de acessos ver-

tais com ascensor e escada de serviço, e ainda por um núcleo de escadas contidas por um volume envidraçado que perfuram o bojo de cada um dos corpos.

Em busca de privacidade, distanciam-se dos corpos das recepções, aproximando-se dos topos abertos a norte e sul, mas preservando distâncias em relação ao limite do lote (20 m a N e 15 m a S) de molde a permitir a existência de maciços vegetais actuando como filtros protectores em relação ao exterior.

A norte, a habitação da família encontra-se mais rente à plataforma térrea (que aqui atinge a sua cota máxima), elevada apenas cerca de 2,5 m, o que conferirá uma acessibilidade facilitada ao único corpo habitado em permanência e que engloba na sua órbita uma vivência directa (possivelmente quotidiana) do jardim formal e seus equipamentos.

A sul, o corpo dos convidados é, presumivelmente, o de utilização mais esporádica e também o mais recatado, distanciando-se 4,5 m da plataforma térrea e do bulício ainda mais longínquo da cidade.

A concepção dos dois corpos assenta em princípios também idênticos.

Não se trata de volumes com contornos rigidamente definidos, antes de uma sobreposição de três planos horizontais (lajes) onde os volumes e planos verticais opacos que subdividem o espaço estão sempre recuados em relação aos bordos (como o deck de um navio cercado pela amurada), Ladeados ora por varandas corridas (unindo o corpo de serviços e o varandim) debruçadas sobre os «pátios» interiores arborizados, ora por corredores de distribuição (que por vezes se diluem nos espaços que sequencialmente encadeiam) onde vãos de correr envidraçados alternam com painéis fixos e opacos de madeira, entrecortando a transparência absoluta sobre os maciços arbóreos a cada um dos topos.